

Eubia Almeida Silva



**ARTES NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL,
UMA NECESSIDADE PEDAGÓGICA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Eubia Almeida Silva

**ARTES NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL,
UMA NECESSIDADE PEDAGÓGICA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Almeida, Eubia, 1982-

Artes no 5º ano do Ensino Fundamental, uma necessidade pedagógica: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Eubia Almeida – 2013.

39 f.

Orientador (a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Melissa. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Artes no 5º ano do Ensino Fundamental, uma necessidade pedagógica*, de autoria de Eubia Almeida Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Melissa Etelvina Oliveira Rocha - Orientadora

Rita Lages Rodrigues

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha

Coordenador do CEEAV

PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Eubia Almeida Silva

**ARTES NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL,
UMA NECESSIDADE PEDAGÓGICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Belo Horizonte

2013

Dedico esse trabalho principalmente aos meus alunos por atribuírem a mim à aprendizagem e contribuírem na execução do sucesso desse trabalho.

Agradeço a Deus pela força que me foi dada, a minha coordenadora Vênus, pelo apoio e incentivo. As queridas amigas Geralda Rosa / Marisa Nepomuceno pelas longas horas de reflexão.

Ao meu amado namorado pelo carinho e companheirismo. A mim, pela constante perseverança que conduziu este trabalho.

Resumo

O presente trabalho aborda uma pesquisa sobre o ensino da arte no Brasil, sua caminhada e trajetória, tendo como objetivo retratar um tema relevante no sistema de educação brasileira, que com o decorrer dos tempos veio levantando críticas e buscando aprimorar e validar com reais necessidades de mudanças o “Ensino de Artes nas escolas como disciplina”. Buscou-se elaborar essa proposta enfatizando a obrigatoriedade de desenvolver uma educação que respeite e reconheça a disciplina de Artes como uma necessidade pedagógica. Demonstrando através de pesquisas que a arte é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo e criativo da criança, respectivamente tratando do 5º ano de escolaridade. Aborda, ainda, uma pesquisa sobre a vida e obras de Tarsila do Amaral contendo uma sequência de atividades envolvendo a mesma, o planejamento da sequência, desenvolvimento, registro da aula, fotos e um relato de experiência da docente enquanto aluna nos anos de escolaridades referidos, onde cabe minuciosa reflexão sobre a necessidade e preocupação quanto à valorização da arte.

Palavras-chave: artes; educação; necessidade pedagógica;

Abstract

The present work deals with research on the teaching of art in Brazil, their walk and trajectory, aiming to portray a relevant theme in the Brazilian education system, that with the elapse of time came rising criticism and seeking to improve and validate with the real needs of the changes "Arts Education in schools as a discipline". Sought to develop this proposal emphasizing the requirement to develop an education that respects and recognizes the arts discipline as a pedagogical necessity. Through research demonstrating that art is of paramount importance for cognitive development and creative child, treating respectively of the fifth year of schooling. Discusses a research on the life and works of Tarsila do Amaral containing a sequence of activities involving the same, sequence planning, development, school registration, photos and an account of teaching experience while a student in the years of education, where it is thorough reflection under .

Key words: art, education, pedagogical necessity.

SUMÁRIO

TÍTULO Artes no 5º ano do Ensino Fundamental I, uma necessidade pedagógica.

INTRODUÇÃO.....11

Capítulo I

1.1 Um breve histórico da trajetória do Ensino de Arte no Brasil.....13

Capítulo II

2.1 A importância do Ensino de artes no Ensino Fundamental I.....19

2.2 Pesquisa sobre Tarsila do Amaral – vida e obra.....21

2.3 Desenvolvimento da proposta.....24

2.4 Planejamento da aula: Seqüência de atividades: contextualização e
apreciação da obra de Tarsila do Amaral.....25

Capítulo III

3.1 Reflexões sobre a prática e registro dos procedimentos na aplicação
da seqüência de atividades.....29

3.2 Relato de experiência.....31

CONCLUSÃO.....32

REFERÊNCIAS.....34

ANEXOS.....36

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Tarsila do Amaral.....	22
FIGURA 2 Abaporu.....	23
FIGURA 3 - Operários.....	24
FIGURA 4 Material utilizado para apresentação da artista aos alunos.....	29
FIGURA 5, 6, 7, 8, 9, 10 Trabalho de recriação da obra Abaporu em escola de Montes Claros 2012.....	29/30
FIGURA 11 Processo de observação dos trabalhos de Tarsila do Amaral.....	38
FIGURA 12 Desenho de observação do Abaporu.....	38
FIGURA 13 Pintura do fundo em A3.....	38
FIGURA 14 Pintura do fundo em A3.....	38
FIGURA 15 Aplicação da figura no plano pintado anteriormente e composição do cenário.....	38
FIGURA 16 Aplicação da figura no plano pintado anteriormente e composição do cenário.....	38
FIGURA 17 Exposição realizada na sala de aula em varal.....	39
FIGURA 18 Apreciação e apresentação dos alunos.....	39
FIGURA 19 Apreciação e apresentação dos alunos.....	39
FIGURA 20 Apreciação e apresentação dos alunos.....	39

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo de pesquisa a observação do Ensino de Artes no 5º ano do Ensino Fundamental e como se dá o trabalho para esse público, além de investigar quais suas contribuições para o desenvolvimento das crianças. O interesse pela pesquisa é despertado pelo conhecimento de que a arte é de suma importância para o desenvolvimento da criança, por estar presente no seu dia a dia desde muito pequenas, quando começam a riscar, traçar e experimentar registros com qualquer material e em qualquer suporte. É um eixo que deveria ser presente com respeitabilidade no cotidiano diário das escolas, embasado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que é o principal documento que rege as práticas pedagógicas dessa etapa de ensino.

O presente trabalho se organizará na seguinte ordem: Inicialmente será feita uma pesquisa bibliográfica para investigação dos caminhos traçados pelo Ensino de Arte no Brasil e que tais estudos apontem aspectos que sinalizem a importância do Ensino. Para tanto, serão abordados autores que embasarão a pesquisa de forma a conduzir o trabalho e nortear a investigação em busca de fatores que levem ao conhecimento da importância da arte para crianças dessa faixa etária.

O capítulo II abordará uma reflexão sobre a importância do Ensino de Artes no 5º ano do Fundamental I e suas contribuições no desenvolvimento do educando. Em seguida constará uma pesquisa sobre Tarsila do Amaral, artista cujas obras foram trabalhadas em sequência de atividades com a turma, além de relatar como se conduz o Ensino de Arte no 5º ano, na Escola Municipal Jurubeba, situada no município de São Gonçalo do Rio Abaixo, MG, instituição na qual a professora atua como regente da turma, e abordagem sobre planejamento de atividades para o desenvolvimento das aulas.

No capítulo III discorrerá reflexões sobre a prática, os procedimentos realizados, registros do desenvolvimento das etapas abordadas durante as aulas, os materiais disponibilizados e procedimentos aprendidos. Constam também relatórios da pesquisadora, compartilhando suas observações no decorrer das aplicações das

atividades dentro da sala de aula. E, completando a investigação, relatos de vivências da pesquisadora que relatará o ensino de artes na sua trajetória escolar com suas experiências atuais como professora de artes, embasando-se nos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de formação de Artes visuais.

O presente trabalho terá como apoio para pesquisa teorias de autores estudiosos da temática tais como: Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Costa e Lúcio Cavalcante, Rosa Iavelberg, Materiais da LDB, Apostila do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1 e 2 e Parâmetros Curriculares Nacionais.

Capítulo I

1.1 Um breve histórico da trajetória do Ensino de Arte no Brasil

O Ensino de Arte no Brasil é caracterizado por uma longa e crítica trajetória. Percorreu um extenso caminho até adquirir significativo valor, reconhecimento e independência em relação a seu currículo. Tal Ensino, antes de pouco acesso e sem adequadas competências, hoje, ainda não é devidamente reconhecido, chegando até a ser desvalorizado, pois muitos docentes ainda insistem em trabalhar Arte ligada às demais disciplinas, como português, matemática, história, entre outras nas escolas e exclusivamente conectada as datas comemorativas. Desse modo, o Ensino de Arte ainda permanece ocupando um lugar de pouco destaque nos planejamentos e nas discussões pedagógicas dentro das instituições de ensino básico.

O primeiro sistema de ensino no Brasil foi organizado pelos Jesuítas, que valorizavam os trabalhos artesanais, os processos educativos do cotidiano e o Ensino Religioso. No início, os jesuítas aceitavam em seus colégios somente seus descendentes e seguidores de suas crenças, depois, percebendo que é por meio da educação das crianças que se podia fazer a renovação do mundo, passaram a aceitar aqueles que não pretendiam seguir a carreira religiosa. O acesso aos colégios jesuítas era gratuito para todos, filhos dos ricos, nobres e os pobres.

Em 1759, Portugal, através do primeiro Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, depois de guerras e conflitos, expulsou os Jesuítas das terras brasileiras, impedindo seu sistema de ensino e sua ordem religiosa, passando a oferecer aulas régias ou avulsas de Latim, Grego, Filosofia e Retórica no lugar das aulas de Artes e de evidências religiosas. Após esse longo período de desvinculação com Ensino de Arte, que era ordenado pelos Jesuítas em seus próprios colégios, chegam ao Brasil artistas e artífices franceses liderados por Joachin Lebreton para que organizassem

o ensino de Belas-Artes. Esse ensino propunha técnicas voltadas para ofícios artísticos e mecânicos na Escola Real de Ciências no Rio de Janeiro.

A Academia Imperial de Belas Artes, assim chamada quando começou a funcionar, passa a focar em conteúdos de formação artística e a aprendizagem deixa de ser por meio do trabalho e passa a ser, segundo Barbosa (2002, p.12) como “árduos exercícios formais” com objetivo de formar artistas ensaiados. Ainda nesse mesmo período surge outra marca importante na história: quem tinha direito ao ensino ainda era uma pequena camada da sociedade. As instituições de Belas Artes não abrangiam as escolas públicas do Brasil, deixando claro o motivo do tardio reconhecimento da Arte como conteúdo indispensável nas instituições escolares.

Somente em 1882 e 1883 começa a ser implantado o Ensino de Artes como disciplina nas escolas primárias e secundárias. Esse resultado baseou-se principalmente nos projetos de reformas de Rui Barbosa, e a partir daí o ensino passa a ganhar proporção quanto a sua obrigatoriedade na segunda metade do século XIX. Nesse período o ensino do desenho torna-se a disciplina mais importante na educação popular. Como sugere a crença de Barbosa, a “educação artística seria uma das bases mais sólidas para a educação popular” (BARBOSA, 2005, p.45).

Ainda, segundo Barbosa (2005, p.30), um fator decisivo para a valorização da Arte foi o “início do processo de respeitabilidade do trabalho manual”, que ocorreu após a abolição da escravatura. No início do século XX, grandes mudanças aconteceriam, já que havia uma preocupação com o Ensino de Arte e basicamente com o ensino para o desenho, o qual era importante para a formação técnica. As mudanças tinham por base a valorização da emoção, da liberdade da criação abrangendo todas as classes da sociedade.

Em 1920, a educação brasileira passa por novas reformas e as disciplinas escolares passam a ser consideradas instrumentos para alcançar determinados fins, em busca da capacitação do sujeito que vive em sociedade. Assim acreditava-se que o indivíduo desenvolveria habilidades para observar, pensar, criar, elaborar, decidir, julgar e agir.

Esse contexto faz perceber que a Arte passa a ser parte indispensável para o crescimento humano e a partir desse reconhecimento, limitou-se, de certa forma, os métodos técnicos, passando a valorizar a livre expressão infantil. Barbosa, afirma ainda que “a Arte era considerada tão importante quanto as outras disciplinas. Desde então nunca houve uma preocupação tão marcante pela arte na educação por parte das autoridades educacionais e dos ensaístas governantes” (BARBOSA, 2005, p.89).

Nos anos de 1930 a 1945, época que compreende a Era Vargas, a Educação é abalada no Brasil atingindo impiedosamente o interesse pela Arte-Educação

“comprovada pela diminuição de artigos em jornais diários e nos jornais sobre a educação. É nesse momento que se implantou o desenho geométrico na escola secundária e o pedagógico implantou cópia de estampas usadas para aulas de composição em língua portuguesa” (BARBOSA, 2002, p.43).

Tal ligação da Arte aos outros conteúdos estudados deixa transparecer a perda de seu real valor e independência passando a ser vinculada à ilustração dos demais conteúdos.

Em meio a tanto descaso, o Ministro da Educação na ocasião, Gustavo Capanema, propõe um Programa de Reformulação no Ensino do Desenho e a introdução de uma metodologia, abordando conceitos teóricos importantes para os alunos e a liberdade de expressão vigente na época. Esse desafio foi lançado a Lúcio Costa, que além de reformular propõe um curso para que os professores aprendessem a

aplicabilidade da aula, em que seriam abordadas três modalidades: o desenho técnico, o de observação e o desenho como meio de expressão plástica. Preocupava-se, então, em “desenvolver nos adolescentes o hábito da observação, o espírito de análise e o gosto pela precisão” e “por fim revivar a pureza da imaginação, o dom de criar o lirismo próprio da infância”. (COSTA, 2007 p.2).

Após o término da ditadura de Vargas, o Ensino da Arte ganha um novo rumo voltado para a livre expressão e para a busca de uma identidade própria. Um movimento iniciado no final dos anos de 1940 conquista novos espaços fora das escolas, ganhando diversificados espaços no país como as escolinhas de Artes que tiveram início suas atividades em 1948, no Rio de Janeiro. Tal movimento recebeu parceria do governo e promoveu vários cursos de formação para professores com o objetivo de melhorar as práticas pedagógicas escolares e convencê-los sobre a “importância de deixar a criança se expressar livremente usando lápis, pincel, tinta, argila etc.” (BARBOSA, 2003, p.38).

Novamente, na década de 1950, o Sistema de Ensino sofre desordenadamente outra influência, agora americana, que chega para treinar supervisores e professores para adaptar e trabalhar materiais didáticos que seriam utilizados no treinamento de professores. Esses profissionais deveriam ser supervisionados, “vigiados” no processo de comprovação do currículo e execução das tarefas propostas que visavam as técnicas e necessidades das indústrias. Dessa forma, acontece a desvinculação do ideal Ensino da Arte para a sociedade vigente.

As discussões sobre o Ensino de Artes se desenvolvem com agilidade a partir da LDB nº4024/61 que vai contra a cópia dos modelos estrangeiros para Educação, buscando sua própria identidade e autonomia. Assim ganha força e passa a priorizar as necessidades buscando um “processo não só educativo, mas também político, econômico, social e cultural”. (GÓES, 2002, p.97-98). Com o propósito de “incluir os excluídos da sociedade” a Arte ganha o mesmo valor que a proposta de alfabetização e passa a ser tecnicista. Logo após, já no período militar, a LDB

nº5692/71, propõe a profissionalização, com a pretensão de tornar a sociedade mais homogênea e pronta para o trabalho, e para isso as crianças precisavam ser socializadas de acordo com os valores dominantes da sociedade.

Foi estabelecida também, para esse período, a obrigatoriedade da Educação Artística (Artes) no Ensino Fundamental, com atividades de Artes Plásticas, Música e Artes Cênicas (teatro e dança). Tal obrigatoriedade não era vinculada à preocupação com o conhecimento, o desenvolvimento, a criatividade e criticidade dos educandos, que continuavam submetidos ao ensino sem profissionais capacitados.

Surgiram então, para suprir o despreparo dos profissionais, cursos superiores de Licenciatura em Educação Artística com duas modalidades: a de Licenciatura Curta, dois anos, e a de Licenciatura Plena, quatro anos. A demanda de profissionais capacitados continuou insuficiente e o Ensino de Artes nas escolas passa a ser oferecido como momentos de lazer e relaxamento, sem compromisso algum em vincular a Arte como área de conhecimento.

Nos anos de 1980 surgem mais orientações para o Ensino. Aumentam as preocupações quanto aos serviços precários oferecidos para a população menos favorecida, principalmente para os pobres, para as pessoas das zonas rurais e das favelas. Os responsáveis pelas orientações do Ensino percebem a real necessidade de compensá-los com um melhor Plano Setorial de Educação, Cultura e Esporte. Porém essa meta começa ser cumprida somente em 1985, no Governo de José Sarney, quando é criado um documento intitulado “Educação para todos”. Esse documento garante o Ensino Fundamental para todos, conscientizando as pessoas sobre a necessidade da alfabetização generalizada para valorização do país. Decorrente disso o Ensino de Arte também ganhou foco. Depois de movimentos, congressos, seminários, divulgação dos manifestos em busca da valorização e reconhecimento do ensino como área de conhecimento, criaram-se então

associações de arte-educadores e, posteriormente, a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB).

A constituição de 1988, após a inserção da Educação na agenda política e econômica nacional, coloca como dever do Estado e direito do cidadão ao acesso à Educação Pública de Qualidade, gratuita e universal. Nesse contexto de direitos também é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDBN) – Lei 9.394, de 20 de dezembro 1996 -- tornando extinta a Educação Artística e validando a disciplina Arte, sendo reconhecida oficialmente como área de conhecimento.

Os parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCNS), formulado em 1997, vêm contribuir de forma significativa para complementar essa pesquisa e direcionar a investigação. O Ensino de Arte além de favorecer a aprendizagem, enriquece a percepção do aluno, desenvolvendo habilidades de apreciação artística com olhares artísticos e respeito às diferenças. Além de posicionar-se diante da sociedade, relacionando a arte como parte integrante e integradora do mundo a sua volta, já que a Arte está ligada à natureza, às profissões, ao trabalho, às diversões e outros.

Portanto, aprender Arte torna-se muito significativo para a vida escolar de uma criança, principalmente porque é nesse momento do Ensino Fundamental que eles buscam se aproximar o máximo das questões do universo do adulto, ficando curiosos do como e por quem esse universo foi construído.

Esse breve histórico do Ensino da Arte no Brasil torna-se importante para a reflexão sobre o descaso pelo Ensino de Artes na educação. Lembrando que a efetiva conquista em relação ao que se pretende só é alcançada por meio de lutas e debates acerca das dificuldades e entraves enfrentados. Observando os fatos ocorridos na trajetória do Ensino de Artes por um grande período de tempo, nota-se que, infelizmente, as dificuldades de antes ainda são uma realidade presente nas instituições escolares da sociedade brasileira.

Capítulo II

2.1 A importância do Ensino de Artes no Ensino Fundamental I

Esse capítulo constará uma breve reflexão sobre a importância do Ensino de Artes no Ensino Fundamental I, sucinta explanação sobre vida e obra de Tarsila do Amaral, além de uma seqüência de atividades: Contextualização e Apreciação da obra de Tarsila do Amaral que foi desenvolvida na Escola Municipal de Jurubeba, situada no município de São Gonçalo do Rio Abaixo, Minas Gerais, no 5º Ano do Ensino Fundamental I, acrescentado do planejamento da seqüência de atividades juntamente com o desenvolvimento das aulas.

A arte está presente desde muito cedo na vida dos humanos, nos jornais, nas revistas, nos outdoors, televisão, nas estampas das roupas, rótulos e embalagens, na natureza dentre outros. Ana Mae Barbosa, afirma em seus escritos que “se a arte não fosse importante não existiria desde o tempo das cavernas...” (BARBOSA, 2005, p.27). A arte possui um papel essencial para o crescimento individual da criança e a acompanha desde seu nascimento, quando começa a se expressar em seus riscos e rabiscos. Ainda segundo Barbosa, “a educação artística seria uma das bases mais sólidas para a educação popular” (BARBOSA, 2005, p.45) por contribuir de forma significativa com o ser humano que passa a visualizar o mundo de forma mais estática contribuindo gradativamente para o desempenho dos alunos em todas as áreas de conhecimento. Isso acontece pela vivência e prática dos mesmos no momento em que são convidados a criar, recriar, reinventar, experimentar procedimentos e apreciar trabalhos dos colegas.

Ao participar dessas situações, já que “aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado” (PCNs, 1997, p.47) as crianças desenvolvem as capacidades da crítica e da autocrítica, aprendem a lançar mão de materiais diversos para sua criação, desenvolvendo estratégias para

produção, dentre outras habilidades que aparecem nas demais disciplinas em forma de autoconfiança.

Conhecer a história da arte, com seus principais artistas, estilos e linguagens, também é de fundamental importância para ampliação do universo artístico do aluno, que assim pode perceber e distinguir os estilos que mais aprecia. (isso já com alunos de etapas finais, como 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, e aprofundar nos anos finais do Fundamental II e Ensino médio).

Segundo Ausebel, (1970 p.32) “o aluno constrói a realidade, atribuindo-lhe o significado. Para tanto necessita de uma atitude favorável para aprender. O aluno deve estar motivado, relacionando o que aprende com o que já existe”. Ou seja, não basta que a disciplina seja obrigatória nas redes de ensino, é necessário que seja ministrada com desejável compromisso e interesse pelo professor, e que repasse essa importância aos alunos. Não contribui apenas o “deixar fazer”, requer orientações para que haja empenho e concentração dos alunos com real entendimento do para que aprender arte. Para tanto A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (1991) remete a reflexão que não se baseia apenas no fazer, mas sim “o fazer artístico, a apreciação e a contextualização. (Iavelberg 2003, p.48) define ainda como eixos de experiências de aprendizagem significativa o:

Fazer: Desenvolvimento do percurso criador cultivado no aluno em oficinas de fazer artístico (expressão e construção). Apreciar: Desenvolvimento da competência de leitura e desfrute das próprias imagens e das imagens de outros e do universo natural. Refletir: Desenvolvimento de teorias próprias a partir de interações com fontes informativas que refletem sobre arte. (IAVELBERG, 2003, p.48)

Nesse contexto as aulas de arte devem ser planejadas de forma a cumprir com tais reflexões e devem combinar quantidade de conteúdos com profundidade para que se faça valer o tempo de aplicação das atividades. Os educadores devem ser pesquisadores, buscar formações para trabalhar de acordo com as orientações dos

PCNs. O Ensino precisa ser sequencial e favorável para cada etapa, assim auxiliará a construção do conhecimento e ampliação do universo do aprendiz.

Segundo os PCNs (Arte, p.47-48 1997), o professor deve ter como função selecionar o como e o quando escolher e utilizar “recursos didáticos para apresentar as informações, observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas porque ensinar arte com arte é o Caminho mais eficaz”. Porém, ao considerar que para muitos educadores, a arte ainda é vista como momento de relaxamento, passatempo, sossego, e muitas vezes apenas repassam meras cópias de desenhos para colorir, descartando a possibilidade de criação das crianças, e suas competências para realização das atividades, faz-se necessário refletir sobre os planejamentos, a formação e capacitação do docente.

Tendo em vista a preocupação de que Artes é uma disciplina a ser ensinada e respeitada como conteúdo curricular, e que por meio de trabalhos significativos as crianças adquirem variadas habilidades, lança-se então no papel do professor a responsabilidade de possibilitar a construção artística, pois acredita-se que as crianças se formem na liberdade da expressão desse fazer e aprendem através da vivência da arte. Por isso, para o ensino de artes para crianças do 5º ano do Ensino Fundamental I é indicado realizar atividades artísticas com certa regularidade e saquencial, uma aula semanal, para que criem hábitos que as conduzam ao enriquecimento do seu processo de aprendizagem artística.

A partir de tais considerações o professor deve estar atento, não deixando que as crianças realizem os trabalhos desapoitados, numa proposta de um fazer artístico completamente livre, sem foco de aprendizagem definido, é preciso considerar os objetivos desejáveis, os procedimentos e técnicas, saber manusear diferentes materiais para enriquecer o repertório artístico, incluir informações sobre o que acontece nos âmbitos regionais, nas propostas da mídia promovendo discussão e participação do aluno como ser social e integrante do meio que vive ampliando assim seu universo de reconhecimento do mundo.

2.2 Pesquisa sobre Tarsila do Amaral

Tarsila do Amaral – vida e obra



Figura 1 - Tarsila do Amaral

Fonte: www.tarsiladoamaral.com.br

Considerada uma das principais representantes do modernismo brasileiro, Tarsila do Amaral, nasceu na cidade de Capivari, em São Paulo, no ano de 1886. Iniciou seus estudos na cidade de São Paulo, prosseguindo sua formação acadêmica em Barcelona, na Espanha.

De acordo com Amaral (2003), desde os 16 anos a artista revelou interesse pelas artes plásticas, tornando-se uma das principais pintoras brasileiras, além de ter se destacado na criação de várias esculturas, obras que se tornaram conhecidas a partir do movimento modernista, manifestação na qual teve papel de destaque.

Na década de 1920, estudou em Paris, participando, em 1922, do Salão Oficial dos Artistas da França, com obras nas quais se apresentavam técnicas do cubismo. No mesmo ano retorna ao Brasil e, juntamente, com Anita Malfatti, Mário de Andrade,

Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, forma o chamado "Grupo dos Cinco", com grande participação na Semana de Arte Moderna de 1922. (AMARAL, 2003)

Nas décadas de 1920 e 1930, a sua criatividade trouxe ao mundo obras de grande importância que alcançam sucesso dentro e fora do país, entre estas obras o Abaporu (1928) que marcou definitivamente sua carreira de pintora (CATTANI, 2007).

A artista estava inserida no contexto da criação dos movimentos Pau-Brasil e Antropofágico, cujo objetivo era criar uma estética brasileira sem, contudo, desvencilhar-se da arte europeia. Somada às suas habilidades de pintora e escultora, Tarsila do Amaral exerceu a atividade de colunista nos Diários Associados, escrevendo para jornais e revistas (CATTANI, 2007).

Nascida em uma época que revelou ao Brasil talentos para as artes plásticas, como Portinari e Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral cresceu em uma família rica e muito influente, circunstância que, desde a adolescência, a colocou em contato com figuras de destaque, nos meios artísticos e literários, proporcionado contato com Oswald de Andrade com qual se casou, e o presenteou com sua principal obra o Abaporu.



Figura 2

Abaporu Fonte: www.tarsiladoamaral.com.br

Para Costa (2002), na década de 1930, Tarsila do Amaral se destacou pela intensa atividade política, tornando-se socialista, com contatos frequentes com políticos da União Soviética. Nesta fase de sua vida desenvolve uma pintura social, com quadros como, “Operários” de 1933, obra que revela o engajamento político, e maior contato com os intelectuais de esquerda. Essa participação política trouxe-lhe problemas com o governo getulista, que a perseguiu durante vários anos.

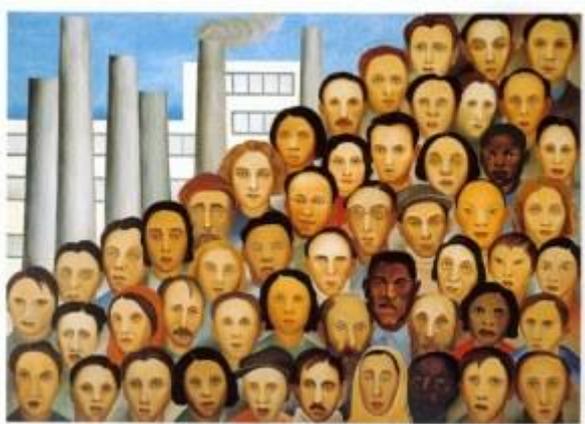


Figura 3 - Operários

Fonte: www.tarsiladoamaral.com.br

Tarsila do Amaral morreu em São Paulo em 1973, deixando obras como Autorretrato (1924); Retrato de Oswald de Andrade (1923); Estudo (Nú) (1923); Natureza-morta com relógios (1923); O Modelo (1923); Caipirinha (1923); Rio de Janeiro (1923); A Feira I (1924); São Paulo – Gazo (1924); Antropofagia (1929); A Cuca (1924); A Negra (1923); O Ovo ou Urutu (1928); A Lua (1928); Abaporu (1928); Cartão Postal (1928); Operários (1933);

2.3 Desenvolvendo a Proposta

A filosofia de trabalho na Escola Municipal de Jurubeba se baseia na concepção progressista dentro de uma visão construtivista de conhecimento, promovendo uma aprendizagem significativa, que desenvolva as capacidades e potencialidades das crianças, por meio de uma participação ativa e crítica. A rede busca, ainda, formar pessoas responsáveis dentro de seu contexto e capaz de realizar transformações.

O trabalho de recriações inspiradas nas obras de Tarsila do Amaral, Ronaldo Mendes e Romero Britto fez com que os alunos entrassem em contato com o universo da arte de forma participativa, após apreciarem e terem informações sobre determinadas obras. Ao recriar uma obra os alunos desenvolvem habilidades como: percepção, imaginação e prática.

A sequência de atividades, desenvolvida com os alunos do 5º ano, apresentada a seguir, tem por objetivo conhecer a vida e obras da artista Tarsila do Amaral. Os educandos, após conhecerem um pouco de sua história e obras, escolheram o “Abaporu” para a realização da recriação como produto final. Utilizaram-se para desenvolver este trabalho vários recursos pedagógicos dentre eles, o data-show o qual foi de suma importância para que pudessem visualizar as obras dessa artista brasileira. E, aos poucos, ideias, pensamentos, sentimentos, experiências de vida foram ganhando linhas, formas e cores.

2.4 Planejamento da aula: Sequência de atividades: contextualização e apreciação da obra de Tarsila do Amaral.

Atividade 1: Vida e obra de Tarsila do Amaral	<p>Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conhecer vida e obra da artista. - investigar características do estilo da artista. - ampliar o repertório de imagens do aluno. 	Duração: 2 aulas
---	--	------------------

Desenvolvimento:

1ª aula:

- Organizar as crianças, o espaço e os materiais necessários para aula.
- Iniciar mostrando as obras da artista por meio de uma apresentação no PowerPoint, contendo imagens de seu trabalho. Em seguida apresentara a biografia da artista destacando suas principais fases.
- Convidar as crianças a fazerem uma análise das características marcantes das obras da artista, tais como: cores, temas, estilização da forma, etc.
- Expor cópias das obras em um varal ou mural para apreciação diária das crianças.

2ª aula:

- Propor as crianças que escolham coletivamente uma das obras para ser feito o desenho de observação da mesma. Utilizando folha A4.
- Realizar as observações necessárias, orientando para que as crianças representem a obra ocupação todo o espaço da folha.
- Em seguida solicitar que utilizem lápis de cor para preenchimento do desenho.
- Expor o desenho na lousa e focar a apreciação na forma como cada um representou a obra.

Observações: orientar os alunos quanto ao sentido predominante da obra (vertical/horizontal). Alertá-los sobre a importância de observar e comparar as proporções dos elementos que compõem a obra, uns em relação aos outros.

(A obra escolhida pela turma foi “Abaporu”)

Atividade 2: apreciação de trabalhos de recriação já realizados com a obra escolhida pela turma.	Objetivo: - compreender as diversas formas de apreender uma obra de arte.	Duração: 1 aula
--	--	-----------------

Desenvolvimento:

3ª aula:

- Organizar com as crianças, o espaço e materiais necessários para essa aula.
- Apresentar novamente a obra original para turma, investigando as diversas representações da mesma.
- Nesse momento chamar a atenção dos alunos para as cores utilizadas, objetos agregados à obra, cenários criados, a mudança da forma. Para isso fazer os seguintes questionamentos: “o que acontece com a obra quando agregamos outros objetos a ela?”
- Perguntar aos alunos quais são os elementos que diferenciam a recriação da obra original (formas, cores, símbolos, elementos, texturas, técnica utilizada pela artista entre outras) e quais elementos foram conservados.
- Compartilhar com as crianças que na próxima aula eles também farão a recriação da obra “Abaporu”

Atividade 3: recriação do tema da obra escolhida pela turma.	Objetivo: - Fazer a recriação da obra de arte da artista Tarsila do Amaral. - Preencher utilizando materiais diversos.	Duração: 3 aulas
--	--	------------------

Desenvolvimento:

4ª aula:

- Organizar com as crianças o espaço e os materiais a serem utilizados nessa aula.
- Propor aos alunos que realizem o preenchimento da folha A3 com tinta guache para aplicar a figura do “Abaporu” criada na aula anterior.
- Orientar que essa folha será o suporte para desenho já criado, e que eles podem explorar diversas cores de acordo com a intenção de cada um, lembrando sempre que uma figura será aplicada à mesma. Recolher para composição do tema na próxima aula.

5ª aula:

- Organizar com as crianças, o espaço e materiais necessários para essa aula.
- Retomar os desenhos com os alunos e orientá-los para que o recortem e apliquem na folha A3 que foi pintada na aula anterior.
- Realizar o preenchimento do cenário da obra (oferecer tintas, recortes de tecidos, barbantes, giz de cera, lápis de cor, linhas, folhas e etc.)
- Nesse momento propor aos alunos que compõem o cenário das obras utilizando os materiais desejados. Realizar as intervenções necessárias indagando sobre o propósito da criação.

6ª aula:

- Organizar o espaço para apreciação das recriações. A obra original deve também estar exposta.
- Fazer a apreciação dos trabalhos focando nos recursos utilizados, disposição dos elementos na obra original e na nova temática apresentada.
- Propor uma discussão sobre todo processo do trabalho, dificuldades, facilidades, resultado, aprendizagem e etc.

2.5 Sequência de atividade: contextualização e apreciação da obra de Tarsila do Amaral

Material utilizado para apresentação da artista aos alunos.



Figura 4 Slide mostrando diversos trabalhos de Tarsila do Amaral

Trabalhos realizados com a obra Abaporu em escolas de Montes Claros que serviram de apoio para que os alunos percebecem as diferentes maneiras e como outras crianças usaram da criatividade para poderem realizar o trabalho de recriação de uma obra.

Ser Humano



Figura 5

Coruja HQ



Figura 6

Abaporu mendigo

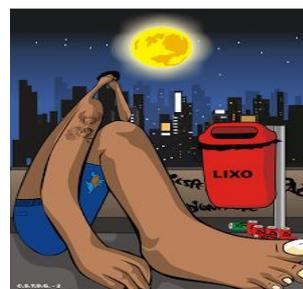


Figura 7

Estilizado



Figura 8

Ando por aí



Figura 9

Abaporu sucata



Figura 10

Capítulo III

3.1 Reflexões sobre a prática e registro dos procedimentos na aplicação da sequência de atividades

Trabalhar Tarsila do Amaral, em uma sequência de atividades, possibilitou aos alunos conhecer melhor a artista, pois tiveram contato com várias obras de diferentes momentos da sua vida e conheceram os movimentos dos quais participou. Puderam conhecer também um pouco de sua vida através de pequeno texto contendo o resumo da sua biografia.

Conhecer parte da história de Tarsila e o porquê da criação de algumas obras provocou nos alunos a curiosidade e o interesse em saber mais, os estimulando a buscar mais informações. Queriam saber o porquê dos exageros quando retratava figuras humanas como em “Abaporu” e “Negra” e até os seus sentimentos no momento que pintava.

O conhecimento prévio dos alunos foi fundamental para compreensão e aprendizagem, pois já vivenciam sequências de atividades que envolvem diferentes artistas desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, o que contribuiu para que fizessem observações dos detalhes das obras, das cores, cenários, estilos, comparações e inferências com outros pintores, além de opinar e tirar conclusões próprias.

Ao final da apresentação dos slides, após conversas e debates, os alunos se apropriaram do contexto das principais obras da artista e perceberam que cabe ao apreciador fazer sua leitura visual e individual a fim de buscar uma forma de se interagir com a obra.

O trabalho finalizou com a recriação da obra Abaporu escolhida por eles. Primeiramente fizeram o desenho de observação da figura humana observando detalhes e formas. Após, em uma folha A3, pintaram o fundo utilizando pinceis e tinta guache nas cores desejadas. Para finalizar, aplicaram o desenho sobre a folha pintada e instituíram o cenário caracterizando-o da forma que desejassem focando na idéia que tinha que ficar diferente, pois a proposta não era cópia, mas sim anexar à imagem da artista novas idéias e possibilitar novas composições, trazendo-o para sua realidade. Essa atividade favoreceu às crianças momentos de criação brincando, divertindo, reconstruindo. E ao inserir o Abaporu em outra cena provocou-se nos educandos reações e estímulos para observação da imagem original referente à recriação que cada aluno retratou.

Os alunos se apropriaram de forma satisfatória, colocaram em prática o conhecimento em lidar com misturas de tintas, pinturas, recortes e colagens, demonstrando autonomia e segurança com total liberdade na aplicação do cenário utilizando diferentes materiais como tecidos, cola colorida, gliters, papéis picados, flores e folhas secas, pedras dentre outros.

Terminando as atividades, os trabalhos foram expostos em varal para apreciação do grupo. A turma realizou as observações no coletivo, fazendo inferência da obra original com suas criações. Cada aluno pôde falar do seu trabalho, o que retratava no seu cenário, o porquê e o que o inspirou sua criação. Os alunos fizeram observações sobre os seus trabalhos e dos colegas de forma respeitosa. Houve observações e críticas sobre alguns trabalhos que perderam um pouco da característica do seu tema pelo uso exagerado de materiais, e o próprio autor justificou qual era a intenção e reconheceu a perda das características desejadas.

Percebeu-se, então, que os alunos alcançaram satisfatoriamente os objetivos propostos nessa sequência. O que contribuiu para organização do espaço, e o interesse dos alunos foi exatamente já terem contato com aulas de artes vindas de outros trabalhos no decorrer dos anos de escolaridades anteriores, e isso contribuiu

de forma significativa para construção do conhecimento pelos alunos. As crianças demonstraram maturidade no que diz respeito à apreciação e observação de detalhes, tornando ainda mais gratificantes as propostas de trabalho no conteúdo Artes. Observou-se que é uma turma observadora, com senso crítico aflorado, que demonstra interesse e criatividade na realização das atividades, dispõe de ideias e busca pelo novo.

3.2 Relato de experiência

Após processo de formação, grandes preocupações sobre o Ensino de Artes ocuparam espaço no meu contexto como professora regente. As descobertas sobre a relevância deste ensino passou a incomodar e então, percebi quanta defasagem na aprendizagem acarretara minha vida escolar. Descobri que não havia aprendido “nada” do conteúdo enquanto aluna do Fundamental I e nem posteriormente. Isso me sugere repensar com muita ênfase na qualidade do Ensino de Artes, por perceber que esse atraso no conhecimento da diversidade cultural, nos planos perceptivos, imaginativos e produtivos, me faz sentir um tanto quanto vazia e envergonhada pelo não saber. Todos os benefícios que a arte favorece na aprendizagem do aluno, a mim foi limitado e esse fato me aflige por saber que fui privada de me apropriar das habilidades na época que é mais significativa é a aprendizagem sobre artes se da no Ensino Fundamental I.

No início do curso de formação em Artes Visuais a minha dificuldade era nítida: procurava não opinar, apenas ouvir e por muitas vezes quase desisti quando percebia estar totalmente fora do assunto que era discutido nas aulas presenciais. Então com persistência e coragem continuei e após algum tempo comecei a perceber o quanto era importante estar ali, me formar, aprender arte: teorias e conceitos para aplicar na sala de aula.

Na verdade eu sempre ministrei aulas de arte com segurança e entusiasmo, porque gostava muito da disciplina e de certa forma tenho facilidade por ter feito, por muitos anos, aula de pintura. Então, algumas técnicas de natureza morta eu já havia adquirido. Mas pensando em qualidade, com visão crítica, percebo o quanto melhorei como docente na execução das aulas. Consigo repassar o conteúdo com maior autonomia e promover a participação dos alunos. Sei que não para aqui, é preciso continuar na busca, aprimorando e conhecendo mais a fundo, conhecendo os movimentos artísticos, os artistas, as novidades já que agora tenho interesse, curiosidade e caminhos em saber mais sobre o mundo artístico.

Conclusão

Conclui-se que o Ensino de Artes no Fundamental I é de suma importância para o desenvolvimento do educando, tanto para as demais disciplinas quanto para seu conhecimento que se amplia diante do universo e o faz compreender como um ser integrante e inserido na sociedade. Além de promover reflexões como ser pensante e crítico, o aluno pode perceber as diferentes formas de linguagem e a importância cultural envolvida em cada momento da história da arte.

No entanto entende-se que o trabalho com sequências de atividades favorece e enriquece o conteúdo por introduzir parte da teoria, da obra e da biografia do artista e ainda proporcionar a prática, momento extremamente importante em que o aluno pode se colocar não só como apreciador, mas como ser criativo e responsável por fazer parte da construção, seja para exposição em sala ou pátio da escola entre outros. Obtendo a percepção que não está criando apenas para si ou para passar o tempo escolar.

Percebe-se ainda que o aluno carente da oportunidade de vivenciar o Ensino de Arte com a devida qualidade se sente violado no seu processo de aprendizagem. Como se parte do que deveria ter aprendido em um momento tão importante de sua vida escolar ficasse devastada, acabando por não ter lembranças significativas enquanto aluno nessa época da vida.

Portanto, a valorização da arte deve começar dentro da escola, enfatizando o porquê e o para que ensinar arte, analisando o papel do professor enquanto educador, visando a necessidade de repensar hábitos mecanizados, antigos, comuns, como meros desenhos prontos para coloração, considerando a influência da arte na vida e no crescimento educacional da criança. Contando com profissionais interessados, pesquisadores, qualificados e aptos para o trabalho, inovando e favorecendo assim a aprendizagem que acontece principalmente quando a criança passa a se interessar pela disciplina. E a partir daí começa a entendê-la como importante conteúdo a ser estudado, aprofundado e respeitado.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Studio Nobel, 2003.
- AUSEBEL, D.H. et al. *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1970.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem do Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo*. Artigo publicado na *Revista Digital Art&*, número 0, outubro de 2003. Disponível em : < [HTTP://www.revista.art.br/artigos.htm](http://www.revista.art.br/artigos.htm) >. Acesso em: 28/01/2006 às 17:30 horas.
- BARBOSA, Ana Mae. *John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002: BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte Secretaria de Educação Fundamental*. –Brasília: MEC /SEF. 1998.
- CATTANI, I. B. *Ambigüidades na construção de um "gênio brasileiro"*. Novos estud. - CEBRAP [online]. n.79, p. 251-257. 2007.
- COSTA, C. *A imagem da mulher. Um estudo de arte brasileira*. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GÓES, Moacyr de. *Educação Popular, Campanha de Pé No Chão também se Aprende A Ler, Paulo Freire & Movimentos Sociais contemporâneos*. In: ROSAS, Paulo (org). Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas/ Editora Universitária, 2002.

IAVEBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOREIRA, Antonio Flávio. *Currículos e programas no Brasil*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

PIMENTEL, I G. et al. *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. 2. ed. Belo Horizonte: Escola de Bela artes da Universidade de Minas Gerais, 2009.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: arte/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

TARSILA DO AMARAL – Disponível em: www.tarsiladoamaral.com.br. Acesso em 22 set. 2013.

TARSILA DO AMARAL- Disponível em: [://WWW.tarsiladoameral.com.br/index frame.htm](http://WWW.tarsiladoameral.com.br/index frame.htm).

Artes Visuais – Montes Claros – Turma B pesquisado às 13:35 horas:
http://turmab01visuismoc.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html

Colégio Hemariel, maio 2013 pesquisado às 14:05:
<http://cehl2012.blogspot.com.br/2013/05/atividades-de-artes.html>

9 Anexos

Processo de observação dos trabalhos de Tarsila do Amaral



Figura 11

Pintura do fundo em A3



Figura 13

Desenho de observação da obra Abaporu de Tarsila do Amaral



Figura 12



Figura 14

Aplicação da figura no plano pintado anteriormente e composição do cenário.



Figura 15



Figura 16

Exposição realizada na sala de aula em varal.



Figura 17

Apreciação e apresentação dos alunos.



Figura 18



Figura 19



Figura 20